

A INFLUÊNCIA DOS FATORES SOCIOECONÔMICOS NO ALEITAMENTO MATERNO

MACHADO, Adriana Kramer Fiala¹; ELERT, Vanessa Winkel¹; PASTORE, Carla Alberici²

¹ UFPEL – Faculdade de Nutrição

² UFPEL – Departamento de Nutrição – pastorecarla@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

Na fase inicial da vida o leite materno é indiscutivelmente o melhor alimento a ser ofertado, pois oferece a quantidade energética ideal e todos nutrientes necessários para o crescimento do lactente. A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda que o aleitamento materno seja realizado de maneira exclusiva até os seis meses. Após esta idade, alimentos complementares devem ser introduzidos e o aleitamento materno continuar até os dois anos de idade ou mais (MARQUES, Rosa F. S. V.; LOPEZ, Fábio A. y; BRAGA).

Infelizmente, estudos mostram que a amamentação no Brasil está muito aquém da recomendação da OMS, principalmente no que diz respeito ao aleitamento exclusivo. Pode-se citar como exemplo o estado de São Paulo, que possui a maior média de amamentação exclusiva do país, sendo esta de apenas 1,9 meses. As menores médias se encontram nos estados do Rio de Janeiro, do Nordeste, do Centro-Oeste e do Centro-Leste, nos quais a duração do aleitamento materno exclusivo tem média de 0,7 mês (Ministério da Saúde, Brasil, 2002).

Este estudo tem o objetivo de conhecer a intenção de puérperas atendidas em um hospital da cidade de Pelotas de amamentar exclusivamente seus filhos, e conhecer os fatores que podem interferir nessa ação.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Estudo transversal descritivo realizado no Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas/RS. A amostra foi composta de puérperas internadas no hospital, maiores de 18 anos, que concordaram em participar do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os dados foram obtidos através de um questionário padronizado e pré-codificado, contemplando perguntas sobre fatores socioeconômicos, amamentação e alimentação complementar. A coleta de dados ocorreu entre Setembro e Dezembro de 2010, sendo realizada por acadêmicas da Faculdade de Nutrição da UFPEL. A digitação dos dados foi realizada em banco do *software* Microsoft Excel[®] e convertido através do *software* Stat Transfer[®] para a análise estatística, para a qual foi utilizado o pacote Stata 9.1[®].

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistadas 170 puérperas, com idade entre 18 e 43 anos (média 26,5 ±5,8 anos). As características da amostra se encontram na Tabela 1.

Tabela 1. Características das puérperas estudadas em um hospital da cidade de Pelotas, durante os meses de Setembro a Dezembro de 2010.

| Variável | n | % |
|----------------------------|------------|-------------|
| Idade | | |
| 18-25 anos | 87 | 51,2% |
| 26-32 anos | 55 | 32,3% |
| >33 | 28 | 16,5% |
| Número de filhos | | |
| 1 filho | 68 | 40,0% |
| 2 a 4 filhos | 90 | 52,9% |
| ≥ 5 filhos | 12 | 7,1% |
| Renda familiar | | |
| <R\$1000 | 92 | 55,1% |
| ≥R\$1000 | 75 | 44,9% |
| Trabalha fora | | |
| Não | 122 | 71,8% |
| Sim | 48 | 28,2% |
| Realizou pré-natal | | |
| Sim | 168 | 98,8% |
| Não | 2 | 1,2% |
| Número de consultas | | |
| 1 a 4 | 14 | 8,4% |
| 5 a 8 | 88 | 52,7% |
| 9 a 12 | 61 | 36,5% |
| ≥13 | 4 | 2,4% |
| Total | 170 | 100% |

No presente estudo, todas as mulheres entrevistadas afirmaram desejar amamentar seus filhos. A média de duração da amamentação exclusiva pretendida por elas foi de 5,5 ±1,6 meses, variando de um até 12 meses. Entretanto, estudo realizado na cidade de Maringá, por BERCINI L.O et al, constatou que apenas 25% das crianças com 6 meses de idade estavam sendo amamentadas exclusivamente. Tal diferença nos resultados pode ser atribuída ao fato de que o presente estudo se trata de uma pretensão e o segundo ao que de fato ocorreu.

Quase 99% das entrevistadas realizaram pelo menos uma consulta de pré-natal (média de 8 ±2,7 consultas realizadas), porém apenas 49% lembra-se de ter recebido informações acerca de aleitamento materno e/ou alimentação complementar durante os atendimentos, sendo estas, as que obtiveram maior tempo pretendido para a amamentação exclusiva (p=0,00). Resultados semelhantes foram encontrados na cidade do Rio de Janeiro por SANDRE, Gilza Pereira. et al, sendo eles 8 ±2,0 para o número de consultas e 53% para informações. Resultado esse de extrema importância, uma vez que uma intervenção educativa simples durante o pré-natal parece afetar positivamente o tempo de duração da amamentação exclusiva.

Pôde-se observar no presente estudo que mães com escolaridade superior a 11 anos pretendem amamentar seus filhos por tempo superior às

mulheres que estudaram por até 4 anos (Tabela 2.), sendo 6,6 e 5,3 meses, respectivamente ($p=0,002$). Diversos estudos foram encontrados na literatura com resultados equivalentes, como o de NIQUINI, Roberta Pereira et al, que associou o menor nível de estudo à introdução precoce de leite artificial, e portanto a um menor tempo de amamentação exclusiva. Esse resultado parece mostrar que o acesso a informações sobre o aleitamento materno ainda está ligada ao nível de escolaridade, visto que hábitos, como o de oferecer chás e água antes dos 6 meses, e mitos como, por exemplo, a existência do leite fraco, são conceitos bastante difundidos na população em geral.

Tabela 2. Relação entre escolaridade materna e tempo de amamentação exclusiva

| Anos de estudo | Tempo amamentação de (meses) | Desvio padrão (meses) |
|-----------------|------------------------------|-----------------------|
| 1 a 4 anos | 5,33 | $\pm 0,98$ |
| 5 a 8 anos | 5,48 | $\pm 1,31$ |
| 9 a 11 anos | 5,52 | $\pm 1,83$ |
| Mais de 11 anos | 6,66 | $\pm 2,73$ |
| | | |

Teste de Anova $p=0,002$

No presente estudo, mães mais jovens (18 a 25 anos) apresentam a intenção de amamentar por tempo maior ($p=0,000$), resultado este que difere dos achados de literatura. VIEIRA, Maria L.F et al, através de um estudo de coorte, constataram não haver diferenças significantes no tempo de amamentação exclusiva entre mães adolescentes e adultas, ambas atingindo mediana de 90 dias. No entanto, CHAVES R.G et al, na cidade de Belo Horizonte, relataram que mães com menos de 20 anos amamentam por menos tempo que mulheres mais velhas.

RAMOS C.V et al analisaram em seu estudo alegações maternas para o desmame precoce. Dentre elas, o trabalho materno foi revelado como elemento dificultador do aleitamento materno, assim como no presente estudo, no qual as mães que trabalham fora do lar pretendem amamentar exclusivamente em média por 5,0 meses, enquanto as mulheres que se detêm ao lar por 5,7 meses ($p=0,006$). Isso pode ocorrer provavelmente por apresentarem mais disponibilidade para o lactente, mostrando assim que um aumento no tempo de licença maternidade poderia prolongar o aleitamento exclusivo.

Neste estudo não foi encontrado resultado estatisticamente significativo associando renda familiar ao tempo pretendido para amamentação exclusiva. ESCOBAR, Ana Maria de Uihôa et al, em estudo realizado na cidade de São Paulo, também não encontrou esta associação, mas MASCARENHAS M.L et al, na cidade de Pelotas, constatou associação positiva entre essas variáveis. Mostrando, assim, que os resultados referentes a esse assunto são bastante variáveis na literatura.

4 CONCLUSÃO

Através dos resultados pôde-se concluir que as mulheres estudadas apresentavam uma boa perspectiva de tempo para a amamentação exclusiva, quase atingindo o período proposto pela OMS.

Observa-se neste estudo que a amamentação sofre interferência da escolaridade e do trabalho materno, sendo as mães com maior escolaridade e as que se detêm ao lar, as que pretendem amamentar exclusivamente por maior período.

Apesar do número de consultas pré-natais realizadas estarem dentro do esperado, o conteúdo abordado nelas mostra-se deficiente a respeito da amamentação. Este fato pode prejudicar a prática do aleitamento, visto que as mães que não receberam informações acerca do assunto pretendem amamentar de forma exclusiva por um menor período. Tal resultado alerta que há necessidade de maior atenção quanto à educação para a amamentação nesses atendimentos, com conseqüente melhora nutricional para o bebê.

5 BIBLIOGRAFIA

BERCINI L.O; Et al. ALIMENTAÇÃO DA CRIANÇA NO PRIMEIRO ANO DE VIDA, EM MARINGÁ, PR. **Cienc Cuid Saude**, v.6, n.2 p. 404-410; 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Política de Saúde. Organização Pan Americana da Saúde. Guia alimentar para crianças menores de dois anos / Secretaria de Políticas de Saúde, Organização Pan Americana da Saúde. – Brasília: **Ministério da Saúde**, 2002.

ESCOBAR, Ana Maria de Ulhôa; Et al . Aleitamento materno e condições socioeconômico-culturais: fatores que levam ao desmame precoce. **Rev. Bras. Saude Mater.** Infant. Recife, v.2, n.3; p. 253-261; 2002.

MARQUES, Rosa F. S. V.; LOPEZ, Fábio A. y; BRAGA, Josena A. P. O crescimento de crianças alimentadas com leite materno exclusivo nos primeiros 6 meses de vida¹. **Rev. bol. ped., ene.**, v.45, n.1; p. 46-53; 2006.

MASCARENHAS M.L; Et al. Prevalence of exclusive breastfeeding and its determiners in the first 3 months of life in the South of Brazil. **J Pediatr** (Rio J). v.82, n.4, p. 289-294; 2006.

RAMOS C.V; ALMEIDA JOÃO A.G. Alegações maternas para o desmame: estudo qualitativo. **J. Pediatr.** (Rio J.) v.79 n.5; p. 385-390; 2003.

VENANCIO, Sonia Isoyama et al . Frequência e determinantes do aleitamento materno em municípios do Estado de São Paulo. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v.36, n.3; p. 313-318; 2002.

VIEIRA, Maria L.F.; SILVA, João L.C. Pinto e; BARROS FILHO, Antônio A.. A amamentação e a alimentação complementar de filhos de mães adolescentes são diferentes das de filhos de mães adultas?. **J. Pediatr.** (Rio J.), Porto Alegre, v.79, n.4; p. 317-324; 2003.